

ARTIGO DEFINIDO

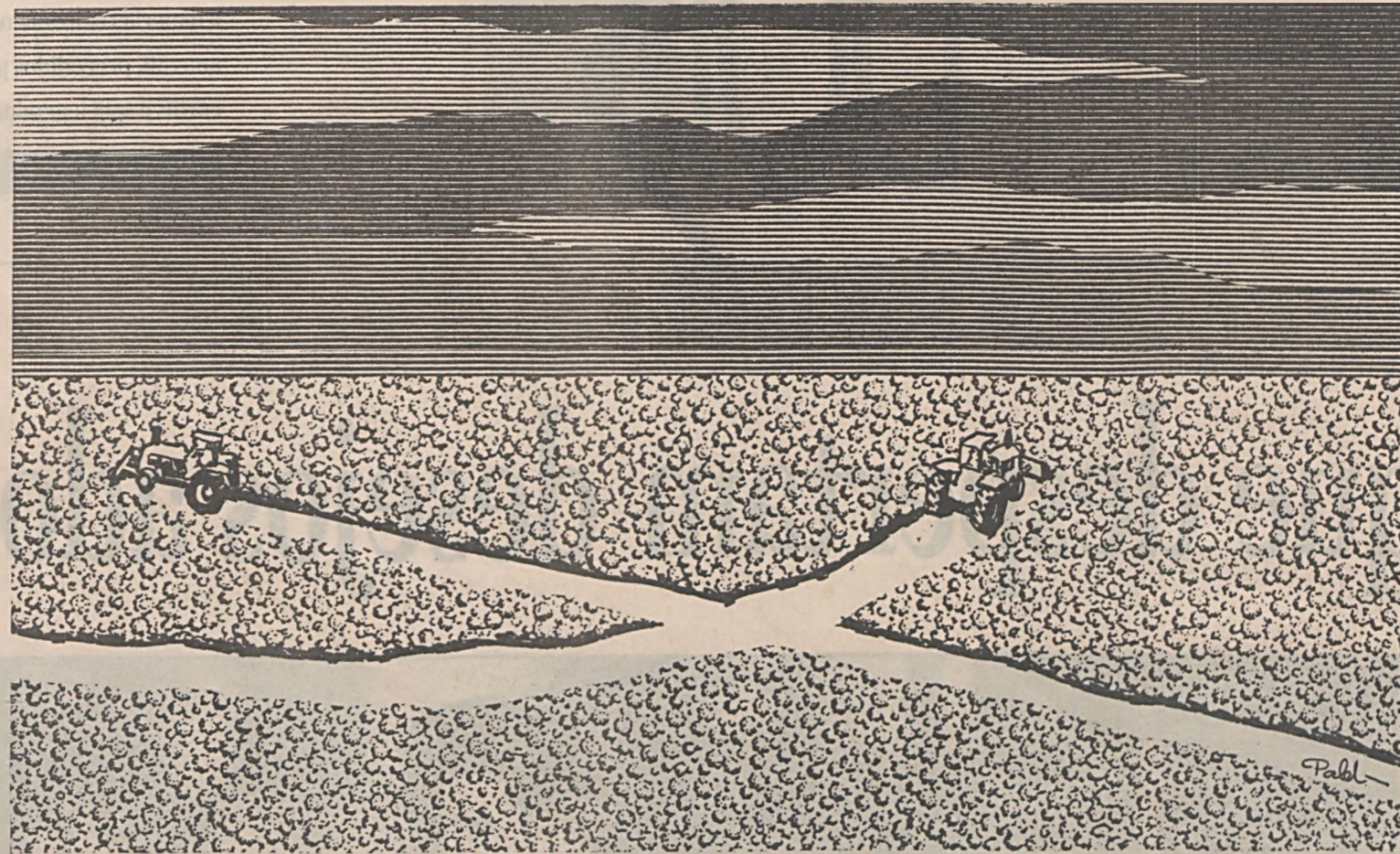
O imponderável faz o roteiro dos caminhos da História

Regina Stella

Vivi uma epopéia. Palmilhei este chão quando o barro cobria o cerrado inteiro, e as pistas de asfalto mais pareciam veredas num deserto.

Gigantesco descampado este planalto, era a paisagem, agreste e rude, cenário para os esqueletos de concreto e ferro que se alteavam noite e dia, na obstinação de construir, em tempo ímpar, uma cidade, e tomada pela incessante ciranda de máquinas, escavadoras, tratores, rasgando o ventre da terra e expondo à luz as entranhas do chão. A cidade brotava, surgindo do nada, tornando palpável um sonho, de há muito acalentado.

Para longe o litoral, imbuído o coração do sentimento bandeirante de desbravar e participar da odisséia, aderi de corpo e alma ao apelo à nação e aos brasileiros para a obra que tinha, então, o seu começo. Tomar posse, em definitivo, da terra improdutiva e abandonada, trabalhá-la, e fazer coincidir as fronteiras políticas com as fronteiras econômicas. E foi tomada desse sentimento novo, fechados os ouvidos ao desalento e à mordacidade, que foram arrancadas todas as raízes, para plantá-las, em definitivo, neste Planalto Central.



Dura a arrancada, não foram fáceis os primeiros tempos, a secura do ar gretando a pele, queimada pelo frio, a poeira, o lamaçal, o desconforto, a solidão, mas tão fantástica a aventura, que se nos parecia um desafio, a exigir de cada um a fé, a energia, a vibração, o trabalho, o tempo, a vida.

De cima, sobrevoando que se esparramava sem limites, recordo a primeira impressão, imensos espaços vazios se alternando com exíguos aglomerados, construídos. Descomunal a tarefa, custava crer no sonho de levantar,

ali, uma cidade, capital do século!

Avivadas as lembranças, retornam à memória as primeiras quadras residenciais, IAPI, IAPTEC, IAPFESP, IAPC, IAPB onde me instalei, pequeno atol de 11 edifícios, cercado de lama por todos os lados, e tão desoladora a paisagem, que o menino de então, recém-chegado, jornalista na cidade, hoje, ao se deparar com os entulhos e rejeitos das contruções, o intenso vaivém dos candangos, engenheiros e operários, botas e capacetes em profusão, num evidente protesto irrom-

boca do meu filho beija a minha, adoça.”

Inesquecíveis os primeiros tempos, o Núcleo Bandeirante em febril atividade, pelas ruas empoeiradas as charretes, os jipes, as caminhonetes, os caminhões. Tinham sede, ali, os primeiros bancos da Capital, o Banco do Brasil, o Banco da Lavoura, o Crédito Real, onde se encontravam, cuidando de interesses particulares, homens e mulheres operários jornalistas e engenheiros.

As reminiscências assomam, e vejo repleta, aos domingos, a missa dos candangos na Igreja-jinha, a procissão dos frades capuchinhos tendo à frente o prefeito da cidade, o Lacerdinha, gigantesco saci, espiral de poeira subindo para o céu, as queimadas, com o fogo avançando em ordem unida, sobre a vegetação retorcida do cerrado. As reuniões dominicais no Iate, as feiras polivalentes de cor e de variedades na Cidade Livre, a crônica silicose do ar brasileiro.

O homem tem as visíveis marcas do imponderável nos caminhos que percorre. Antecipando por três dias a festa de Tiradentes que anualmente se realiza em Ouro Preto, o Presidente Juscelino Kubitschek, justificando esse fato, discursou para a velha paisagem ouropretana: “Aqui vim, três dias antes da data dedicada à celebração do martírio de Tiradentes, porque tenho, em 21 do corrente, um encontro a que não posso faltar: a instalação da nova Capital do Brasil”... O que não supunha é que todo um gigantesco esforço, a febre inquietadora de um processo criativo, a dedicação integral e exclusiva a um fantástico projeto de integração política numa nação continental estavam conspirando para que o grande momento da inauguração de Brasília se transformasse no umbra! iluminado através do qual entraria, de forma irrecorrível, às mais destacadas posições, na memória nacional.

Juscelino Kubitschek não podia faltar ao encontro com a História.